Atividade Árvore da Vida: o olhar geográfico na educação básica a partir da trajetórias familiares[1]

Deborah da Costa Fontenelle

fontenelle.deborah@gmail.com

Resumo

A sociedade não pode ser desvinculada do espaço em que vive e este, por consequência, só faz sentido se associado à sociedade que o criou. Como geógrafa me foi ensinado a ver o mundo desta maneira e agora, como professora, esforço-me para que meus alunos façam o mesmo. Entretanto, esta não é uma tarefa fácil. A sociedade atual, fruto do meio técnico-científico-informacional, torna-se cada vez mais individualizada, e a escola, inserida neste contexto, segue a mesma lógica. No processo educacional, alunos e professores estão tão preocupados com provas e notas que o refletir, muitas vezes, fica em segundo plano. Neste sentido, o presente trabalho pretende apresentar e discutir uma experiência de atividade intitulada *Árvore da Vida* cujo objetivo é despertar o olhar geográfico dos alunos a partir de aspectos observados em suas próprias vidas. Através da construção da sua árvore genealógica e da descrição das trajetórias familiares, os estudantes são convidados a realizar um trabalho de investigação sobre suas próprias histórias, tendo as ferramentas da análise geográfica como suporte.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: olhar geográfico; árvore genealógica; trajetórias familiares; ensino de geografia; educação básica.

1 Este artigo representa uma versão ampliada e atualizada oriundo de trabalho anterior, apresentado e publicado nos anais do 6º Encontro Regional de Ensino de Geografia, realizado na Universidade Estadual de Campinas, em outubro de 2018, com o título *Atividade Álbum de Família no Ensino de Geografia: primeiras impressões de um projeto em construção*.

Introdução

É comum ouvirmos de professores do ensino básico reclamações acerca da dinâmica escolar que, obviamente, varia de acordo com cada colégio ou instituição de ensino. Alguns fatores influenciam essa dinâmica, como a natureza da instituição, se é pública ou privada, a infraestrutura da escola, o projeto político-pedagógico, os investimentos e recursos disponíveis, a gestão administrativa e pedagógica, a liberdade docente para a prática pedagógica, o local da escola e seu entorno, entre outros.

No entanto, de modo geral, mesmo com tantas particularidades entre as instituições de ensino, podemos destacar que muitas das insatisfações comuns aos docentes envolvem a falta de interesse dos alunos nas aulas e o distanciamento dos currículos da realidade dos estudantes.

Não é difícil estabelecer uma relação direta entre esses dois pontos – o primeiro poderia ser, também, consequência do segundo. Isso porque há de se considerar que estamos inseridos em um meio técnico-científico-informacional, em que o avanço tecnológico pode proporcionar a ampliação do acesso a informações, aumentando a velocidade dos fluxos e diminuindo as distâncias. Os jovens são, justamente, aqueles que mais consomem essas informações, usufruindo das mais avançadas tecnologias. Todavia, o que verificamos no Brasil é que a escola não é capaz de acompanhar essa modernização, ficando defasada em relação as possibilidades de recursos pedagógico-tecnológicos.

Caberia perguntar, então: por que, para professores e alunos, há a sensação de que o currículo permanece distante da realidade dos estudantes? De que maneira os currículos podem ser e/ou são modificados para atender às novas demandas sociais juvenis? Quais seriam as estratégias utilizadas por docentes para desenvolver práticas mais próximas aos estudantes e, desta forma, buscar despertar mais seu interesse nas aulas?

Essas são importantes perguntas que demandam uma pesquisa mais aprofundada para que possam ser respondidas, sendo objeto de investigação de trabalhos futuros. Todavia, por ora, vale destacar que essas perguntas serviram como motivadoras para a realização de uma atividade na disciplina geografia, cujo relato é o objeto central deste trabalho.

Na geografia, especificamente, também nos deparamos com reclamações sobre o currículo estabelecido para a disciplina. As ponderações levam em consideração o fato dos currículos estarem ultrapassados, engessados e não

adequados às demandas apresentadas atualmente pela sociedade.

A construção do currículo deve ser analisada a partir de seu contexto histórico e socioespacial. Como destacado por Straforini (2011), as recentes reformas curriculares propostas no Brasil a partir da década de 1990 estão inseridas no contexto político-econômico global de entrada do neoliberalismo. Pautado nos princípios de competitividade, meritocracismo, individualismo e consumismo, a lógica neoliberal não tardou a atingir o setor público e, consequentemente, a educação, exigindo sua reformulação e adequação.

Segundo Vilela (2014), o currículo escolar é uma construção político-social fruto de disputas por status, recursos e território. Tal ideia é fundamental para compreendermos que a construção do currículo, ao contrário do que se poderia pensar, não é resultado apenas das demandas científicas das disciplinas, como ressaltado pela autora, mas também de disputas políticas que, entre outros aspectos, estão no cerne da manutenção da disciplina geografia na escola.

Muitas vezes, nessa disputa, alguns conteúdos acabam sendo privilegiados em nome do exclusivismo de tratamento que possuem em detrimento de outros conteúdos que, em tese, poderiam ser abordados por outras disciplinas escolares. Por quê, por exemplo, é colocado como imprescindível à formação dos alunos a compreensão de temas como a formação da sociedade multicultural canadense ou as implicações do meio natural de Austrália e Nova Zelândia sobre suas atividades econômicas enquanto temas que dizem respeito à realidade e vivência dos alunos, como as origens da sociedade brasileira e a organização do espaço geográfico do entorno, são negligenciados?

Neste processo quem perde são os estudantes, pois à geografia cabe não algumas seleções de conteúdos exclusivos de sua competência, mas sim apresentar e capacitar os alunos quanto ao olhar geográfico empreendido acerca de diversos conteúdos. Não se trata, portanto, de defender a permanência da geografia nos currículos escolares a partir da seleção de conteúdos apresentados por ela, mas sim a partir da sua contribuição para a formação de indivíduos capazes de olhar para o mundo e para a sociedade de uma perspectiva socioespacial crítica.

Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo demonstrar uma possibilidade de atividade que desenvolva a abordagem geográfica que se paute, primordialmente, na vivência do aluno. Para tal, será apresentada uma experiência de atividade intitulada de *Árvore da Vida*. Espera-se, com esta atividade, desenvolver o olhar geográfico do aluno através de uma prática que leve em consideração a vida e o cotidiano do mesmo, inserido em uma história familiar que

se situa espaço-temporalmente no mundo.

A atividade Árvore da Vida: a primeira proposta

A proposta de atividade *Árvore da Vida*[2] surgiu no ano de 2014, fruto da minha vivência como professora de geografia em dois colégios da cidade do Rio de Janeiro: o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – Cap-UERJ – e o Colégio Notre Dame Ipanema. Além da prática docente, minhas observações sobre as formas de tratamento e relacionamento que vêm sendo travadas dentro e fora da escola me levaram a refletir sobre o engessamento, não só currículo, mas também das relações interpessoais, o que, por sua vez, aponta para a necessidade de se pensar em novas formas de atuação na educação escolar.

Neste sentindo, cabe destacar que se tratam de duas realidades distintas. Enquanto o primeiro, o Cap-UERJ, é um colégio da rede pública do Rio de Janeiro, localizado no bairro do Rio Comprido, na área central da cidade, o segundo, o Notre Dame, é um colégio da rede privada localizado no bairro de Ipanema, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, as minhas experiências nos dois colégios também diferiram quanto à série de atuação: 2º ano do ensino médio no Cap-UERJ, enquanto no Notre Dame atuei no 9º ano do ensino fundamental.

Desta forma, vale reafirmar que o desenvolvimento da atividade partiu não de uma demanda específica sobre determinado conteúdo, mas sim da necessidade de se trabalhar aquilo que é mais primordial para os estudos de geografia: a abordagem geográfica. No entanto, por mais que sua motivação não tenha partido do conteúdo programático, enquanto atividade da disciplina de geografia, foi necessário adequá-la a esse. Por este motivo, as propostas apresentam pequenas diferenças, especificamente no que tange à sua terceira etapa. Ainda, é indispensável sinalizar que, para além da abordagem geográfica, também foi verificada, a partir de observações acerca do cotidiano dos colégios, a necessidade de se trabalhar as relações humanas entre os alunos.

Neste sentido, a atividade *Árvore da Vida* consiste, inicialmente, em propor aos estudantes um exercício de investigação acerca de suas próprias histórias e percursos familiares, com o objetivo de despertar e desenvolver o olhar geográfico dos alunos em suas vidas a partir de uma prática não-convencional pautada no seu cotidiano.

Para tal, os alunos foram convidados a construir um *álbum de família* em três etapas, sendo as duas primeiras iguais para ambos anos de escolaridade. Na

2 A atividade, originalmente, foi chamada de *Álbum de Família*. Foi com este título que ela foi apresentada no 6º Encontro Regional de Ensino de Geografia.

primeira, chamada de *Buscando as Raízes: (re)conhecendo a família*, os estudantes deveriam construir a sua árvore genealógica considerando, no mínimo, até a 4ª geração, ou seja, até seus bisavós. Na segunda etapa, chamada de *Trajetórias Geográficas: (re)conhecendo o espaço*, os estudantes deveriam buscar reconstruir os caminhos percorridos pela família no período investigado.

Já na terceira etapa, como já destacado, buscando atender ao conteúdo programático das séries foram realizadas duas propostas distintas, mas articuladas com as etapas anteriores. Para o 9º ano do ensino fundamental, inserida nas discussões sobre globalização, a terceira etapa foi chamada de *Visão de Mundo: (re)conhecendo pensamentos e hábitos*, onde os estudantes deveriam investigar as mudanças ocorridas acerca da percepção e vivência de mundo nas diferentes gerações. No 2º ano do ensino médio, atendendo ao conteúdo de população brasileira, a terceira etapa recebeu o nome de *Censo familiar: (re)conhecendo os dados*, em que os estudantes deveriam construir um 'pequeno censo familiar' a partir de três indicadores escolhidos por eles próprios.

Entendendo que cada indivíduo possui diferentes maneiras de se comunicar e se expressar, que se manifestam em diferentes habilidades e competências, foi proposto aos estudantes que a forma de entrega do trabalho fosse livre. Alguns preceitos gerais foram estabelecidos para serem cumpridos em cada etapa, mas o formato final ficaria a critério da escolha de cada estudante.

Primeiras impressões

Desta forma, pode se dizer que os primeiros resultados aparecem logo no momento de apresentação da atividade. Em ambas as séries a proposta foi recebida com inquietação. Alguns estudantes demonstravam confusão e desconfiança, faziam muitas perguntas e procuravam saber como seria possível atender ao que havia sido solicitado. Apontavam que a família era muito grande, que alguns parentes moravam fora do estado ou país, ou que não possuíam contato com alguns familiares. Neste momento também ficou claro que alguns alunos apresentavam grande desconforto com a proposta.

Por outro lado, também foi possível notar muita animação com a atividade. Logo no momento de apresentação da proposta muitos começaram a compartilhar, em sala de aula, informações sobre suas vidas: de onde vinham seus parentes, o que sabiam de seus familiares, o tamanho da família. Perguntavam se poderiam entrevistar seus avós, se poderiam utilizar fotos, se tinham que apresentar em cartolina. Muitos demonstravam empolgação em realizar um trabalho diferente dos que estavam habituados em fazer.

Ainda na apresentação do trabalho, o formato livre de entrega gerou novas inquietações. Os estudantes demonstraram dúvidas em relação ao que poderiam fazer ou não e em como seriam avaliados. Perguntavam, incrédulos, se poderiam se utilizar dos mais diferentes formatos: cartolina, texto, vídeo, desenho. Faziam as mesmas perguntas diversas vezes sem acreditar que poderiam escolher como apresentar.

Além da forma, os estudantes também demonstraram preocupação no conteúdo apresentado. Perguntavam se teriam, necessariamente, que colocar todos os familiares no trabalho, apontavam que eram muitos, que não conheciam todos, e que seria muito difícil e trabalhoso realizar esse levantamento. Por outro lado, alguns se preocupavam em não conhecer ou possuírem contato com alguns familiares, o que, para eles, inviabilizaria a execução da atividade. Chamou a atenção que alguns estudantes esperavam a aula acabar para apresentar essas questões em particular, e não na frente dos colegas de turma. Neste momento foi necessário explicar que se tratava de um trabalho de investigação e que, como tal, não encontrar as informações que procura também constitui um resultado que merece ser analisado.

Assim, já pelas primeiras reações foi possível perceber que o desafio seria grande, maior do que se imaginava inicialmente. De imediato, algumas questões se colocaram: Estaria a proposta muito distante da realidade escolar?; Estariam os estudantes acostumados com um tipo específico de avaliação?; Estaria a proposta de atividade além das suas possibilidades de trabalho?; Seria possível dar o suporte necessário a cada estudante para a realização do trabalho?.

As aulas que se seguiram após a apresentação da proposta e antes da entrega do trabalho foram marcadas por novas (ou velhas) dúvidas. Toda aula algum estudante voltava a fazer as mesmas perguntas, o que demonstrava uma dificuldade de compreensão e, porque não dizer, aceitação da proposta. Parecia que a atividade estava muito distante de suas práticas recentes. Isso porque alguns apontaram que já teriam realizado trabalho semelhante quando estavam no primeiro segmento do ensino fundamental, o que comprova que em algum momento já haviam entrado em contato com este tipo de atividade. Ao mesmo tempo, tal fato indica uma espécie de mudança na lógica de ensino a partir do segundo segmento do fundamental. É como se no primeiro segmento fosse comum e aceitável realizar trabalhos mais lúdicos, mas que a partir do 6º ano se espera que esses fiquem mais burocráticos, atendendo a uma determinada lógica de avaliação.

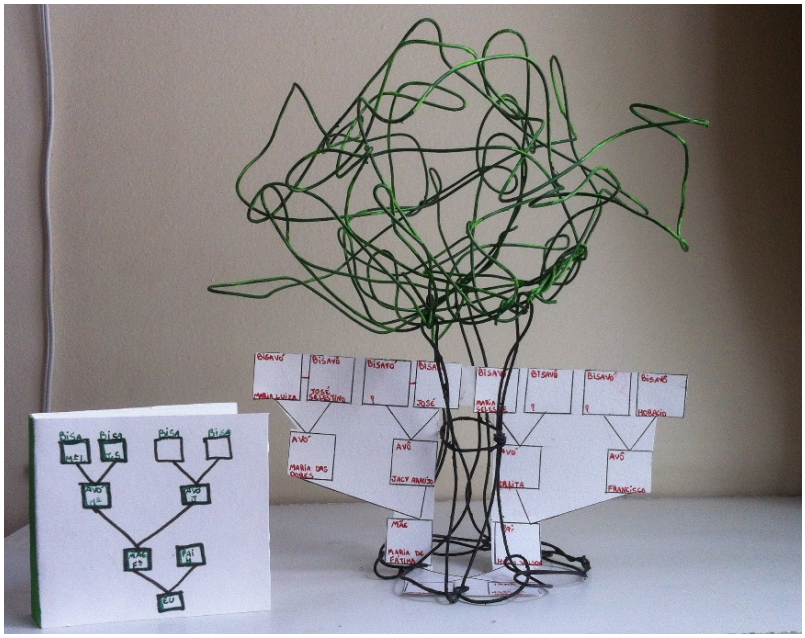
Também se tornou comum que alguns estudantes retornassem com a questão da falta de condições para realizar o trabalho em função do não conhecimento de

uma parte específica da família. Muitos foram os casos que apontavam para uma ausência paterna e para a impossibilidade de entrar em contato com essa história familiar. Neste momento se tornou necessário acolher o estudante em questão e explicar novamente que a ausência de informações no trabalho não constituía uma falha, mas sim um resultado. Cada um tem a sua própria história, que não pode ser mudada, e conhecer a sua já configura um trabalho em si, em amplo sentido.

Resultados iniciais

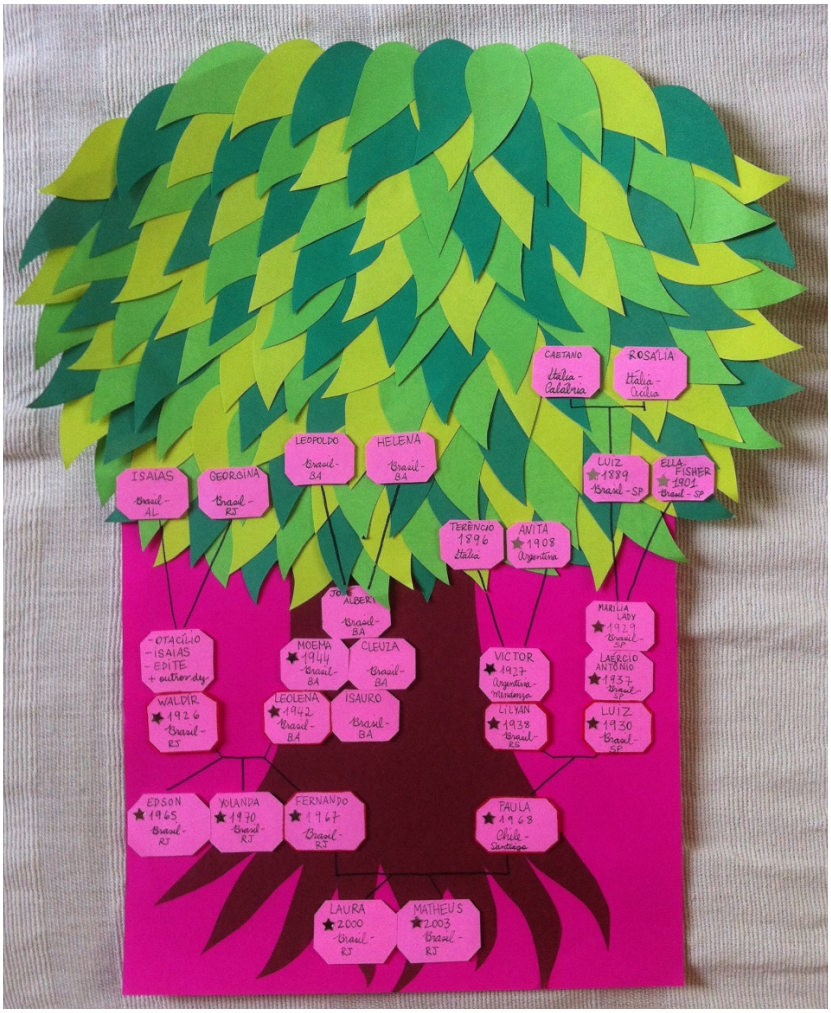
Quando da entrega dos trabalhos, outras questões apareceram. De imediato foi possível notar uma diversidade de formatos: muitos apresentaram em cartolinas; alguns fizeram um álbum de família; alguns desenharam; alguns fizeram entrevistas com familiares que transcreveram ou filmaram; alguns produziram um vídeo, outros apresentaram em *power point*. Mas chamou a atenção que os estudantes do 9º ano do ensino fundamental apresentaram trabalhos em formato muito mais livre do que os estudantes do 2º ano do ensino médio. Enquanto os primeiros apresentaram trabalhos extremamente criativos, dos mais variados formatos, os mais velhos, de modo geral, entregaram trabalhos escritos em formato acadêmico. As imagens a seguir demonstram alguns exemplos:

Figura 1. Exemplo de trabalho do 9º ano do ensino fundamental



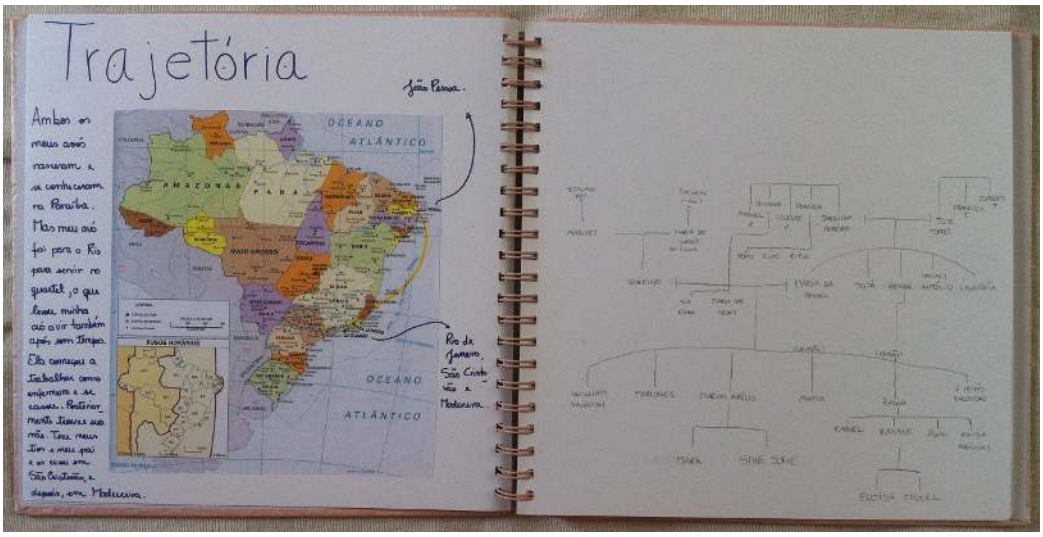
Acervo pessoal.

Figura 2. Exemplo de trabalho do 9º ano do ensino fundamental



Acervo pessoal.

Figura 3. Exemplo de trabalho do 9º ano do ensino fundamental



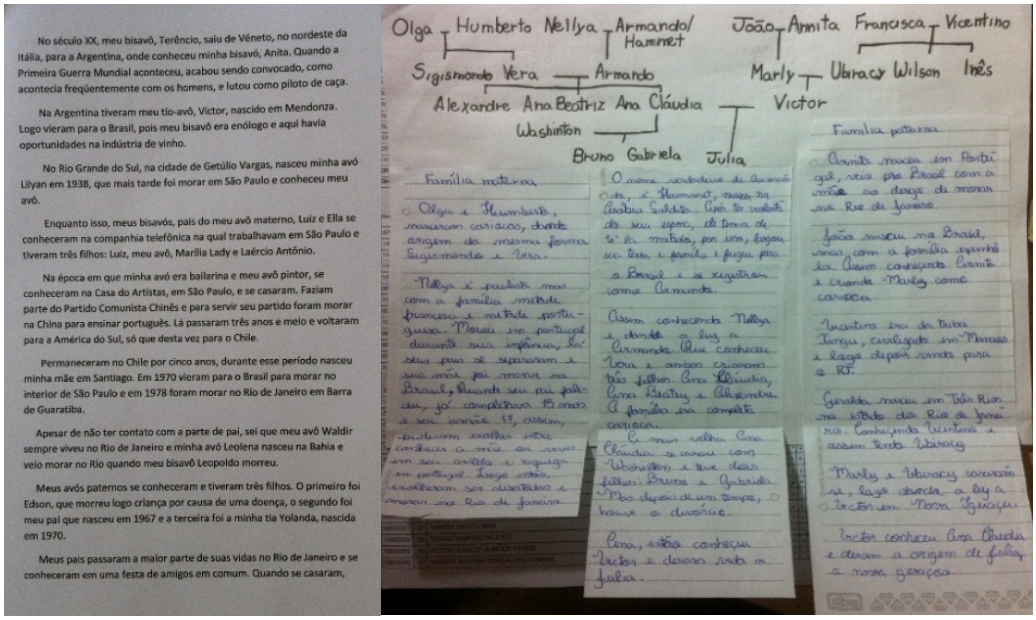
Acervo pessoal.

Figuras 4 e 5. Exemplos de trabalho do 9º ano do ensino fundamental



Acervo pessoal.

Figuras 6 e 7. Exemplos de trabalho do 2º ano do ensino médio



Acervo pessoal.

A análise do conteúdo dos trabalhos também indicou algumas questões e apontamentos futuros. Em relação à proposta de investigação, foi possível perceber a entrega e a dedicação de muitos, que produziram reconstruções detalhadas de suas árvores genealógicas e trajetórias familiares, ilustradas por desenhos, fotos, mapas e imagens. Alguns foram mais simples e mais objetivos mas, ainda assim, foi perceptível que o trabalho de investigação foi realizado e, logo, esse objetivo cumprido.

Também chamou atenção que muitos colocaram no papel detalhes familiares difíceis de serem abordados: ausências, separações, brigas, mortes, mudanças. Tudo carregado de emoção e costurado por olhares analíticos que buscavam contar uma história. Os acontecimentos em suas vidas serviam como explicação para os percursos familiares e ao descrevê-los os estudantes se situavam no tempo e no espaço entendendo e interagindo com o mundo ao seu redor em diferentes escalas espaço-temporais.

O formato livre de entrega também merece análise. Ao possibilitar que os estudantes escolhessem a forma de apresentação do trabalho, permitimos que a criatividade e imaginação dos mesmos fosse ativada, o que produziu resultados surpreendentes. O empenho do estudante não estava apenas em cumprir as etapas propostas, mas também em procurar entender qual seria o formato mais adequado à sua expressão e comunicação.

Por fim, vale destacar também o retorno dos alunos após a realização dos

trabalhos. Muitos foram os retornos positivos dos estudantes que apontaram ter gostado de realizar o trabalho. Foi comum o pedido para que mais atividades deste tipo fossem realizadas. Alguns relataram que foi muito bom fazer uma atividade que contasse com a participação das famílias e alguns responsáveis também demonstraram a mesma satisfação. No colégio Norte Dame o retorno foi tão bom que a atividade ganhou espaço para ser exposta na feira anual da escola, onde foi possível interagir diretamente com as famílias. Alguns estudantes agradeceram pela oportunidade de conhecerem suas histórias e de suas famílias e relataram como a atividade acabou influenciando em algumas relações familiares, o que aponta para a necessidade de maior interação entre a escola e a família.

Apontamentos futuros e considerações finais

Apesar deste trabalho constituir apenas um primeiro ensaio sobre a atividade proposta, os resultados preliminares obtidos acerca não só do olhar empreendido, mas também da estrutura familiar dos alunos, apontaram para a necessidade de continuidade deste projeto e para as inúmeras possibilidades futuras.

Nos anos que se seguiram à primeira experiência de realização da atividade, houve o amadurecimento da proposta a cada aplicação da mesma. Se antes ela nasceu e se desenvolveu em dois colégios diferentes, em dois anos de escolaridade distintos, atualmente, a proposta encontra-se inserida no programa de geografia do 2º ano do ensino médio do CAp-UERJ.

Nesse âmbito, a atividade agora intitulada *Árvore da Vida* tem como objetivos: 1) Compreender os processos geográficos a partir da perspectiva da história individual e familiar do/a estudante; 2) Situar a trajetória individual e familiar do/a estudante no mundo, em diferentes escalas espaço-temporais; 3) Contribuir para o (re)conhecimento da história individual do/a estudante e, portanto, para seu autoconhecimento; 4) Ampliar o olhar geográfico do/a estudante com base no seu cotidiano e vivência; 5) Envolver a família no processo educacional do/a estudante; e 6) Desenvolver habilidades e competências não-convencionais de comunicação e expressão do/a estudante na abordagem de conteúdos geográficos.

Em relação ao último objetivo, tendo como um dos resultados preliminares a constatação de que os/as estudantes do 2º ano tendem a ter mais dificuldade com a proposta de formato livre, ficou clara a necessidade de se ampliar o diálogo com outras áreas, como artes. Para tal, na apresentação da proposta foi enfatizado a importância de se investir na forma de expressão e como esta contaria como

critério de avaliação. Com isso, ao longo dos anos, foi possível identificar mudanças no padrão de trabalho desses estudantes do 2º ano, que passaram a apresentar trabalhos menos enquadrados, vide os exemplos abaixo:

Figuras 8 e 9. trabalho do 2º ano do ensino médio – jogo de quebra-cabeça

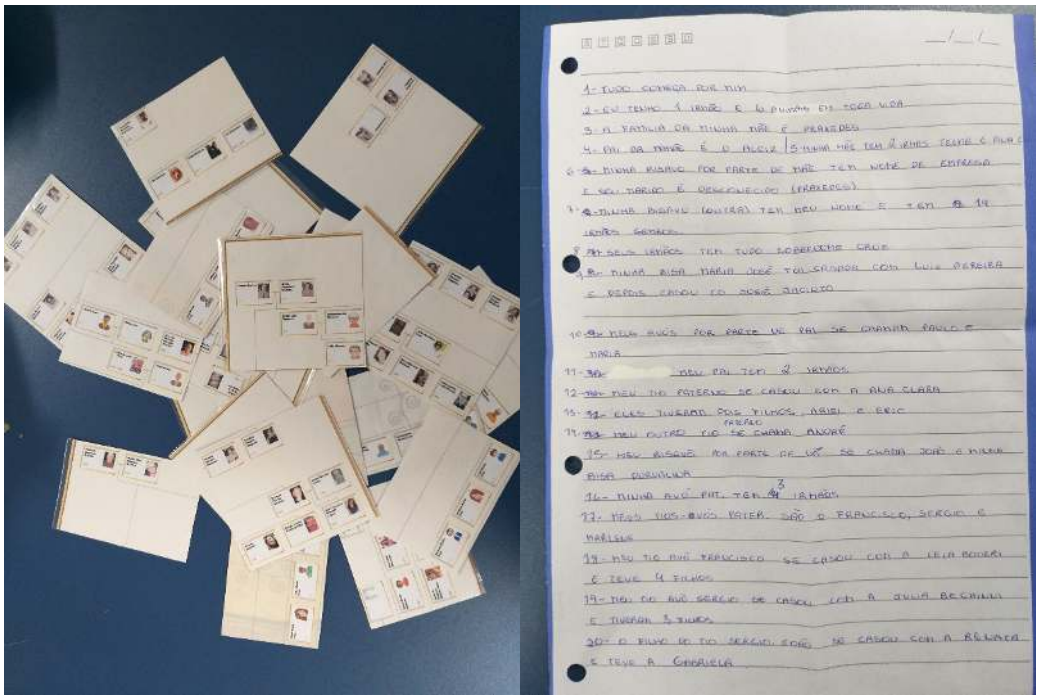
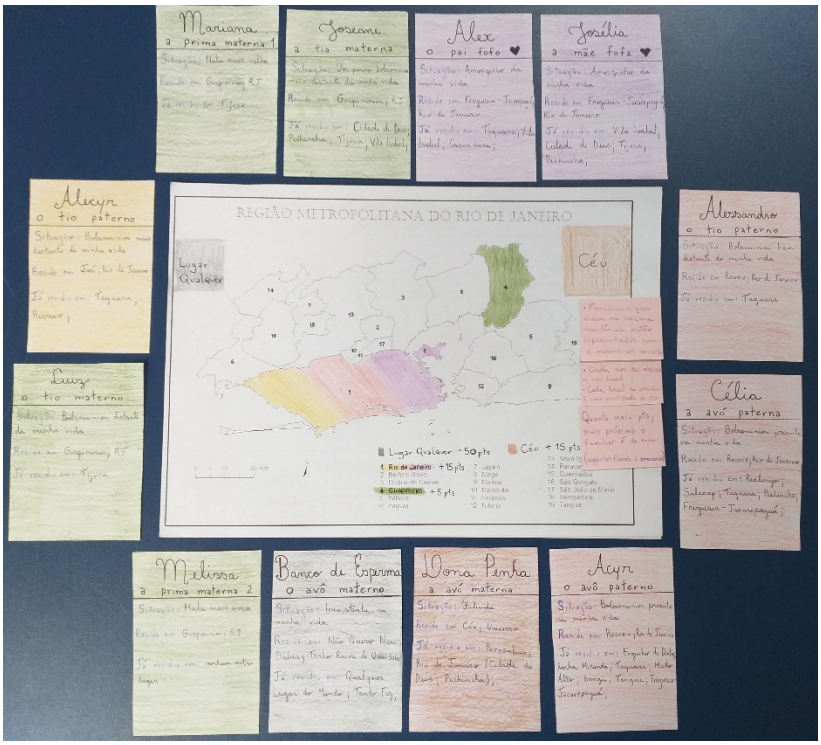
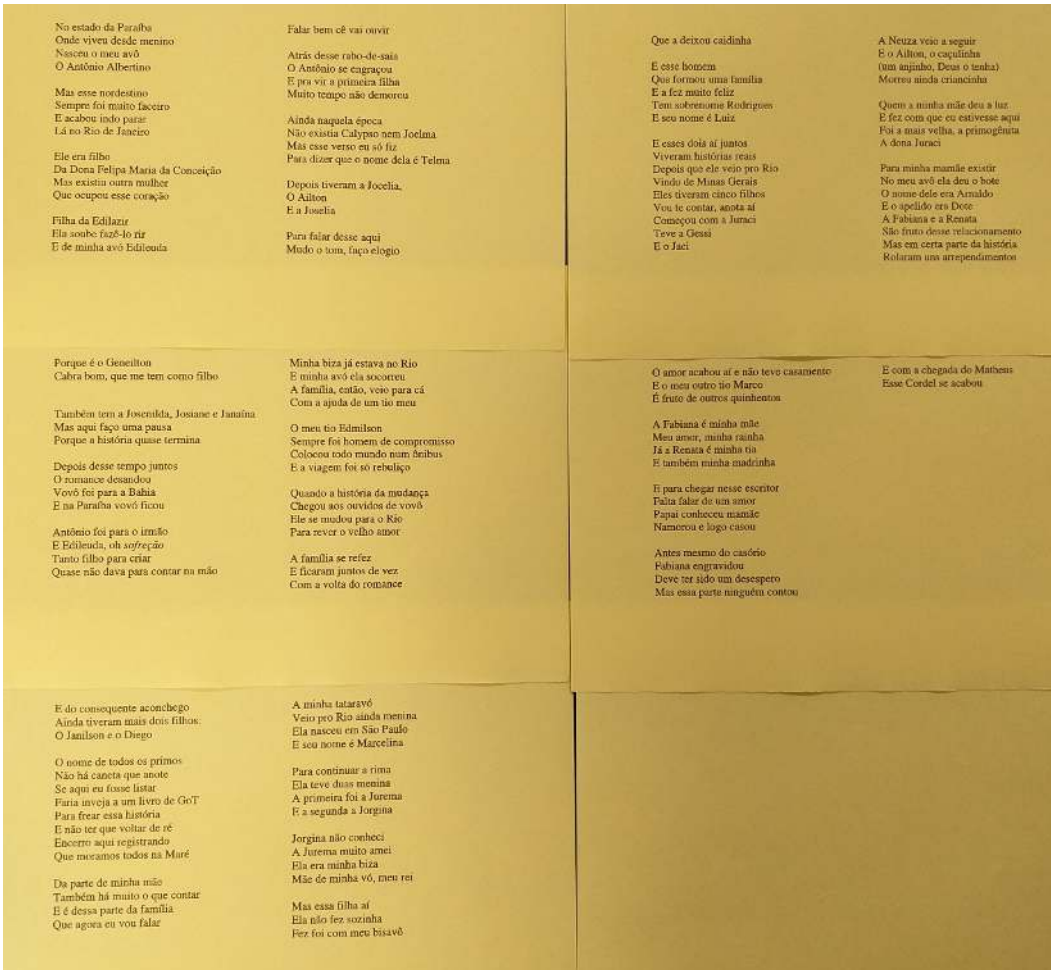


Figura 10. Trabalho do 2º ano do ensino médio – mapa descritivo



Acervo pessoal.

Figura 11. Trabalho do 2º ano do ensino médio – cordel



No estado da Paraíba
Onde viveu desde menino
Nasceu o meu avô
O Antônio Albertino

Mas esse nordestino
Sempre foi muito faceiro
E acabou indo parar
Lá no Rio de Janeiro

Ele era filho
Da Dona Felipa Maria da Conceição
Mas existiu outra mulher
Que ocupou esse coração

Filha da Edilazir
Ela soube fazê-lo rir
E de minha avó Edileuda

Falar bem cê vai ouvir

Atrás desse rabo-de-saia
O Antônio se engraçou
E pra vir a primeira filha
Muito tempo não demorou

Ainda naquela época
Não existia Calypso nem Joelma
Mas esse verso eu só fiz
Para dizer que o nome dela é Telma

Depois tiveram a Jocelia,
O Ailton
E a Joselia

Para falar desse aqui
Mudo o tom, faço elogio

Que a deixou caidinha

E esse homem
Que formou uma família
E a fez muito feliz
Tem sobrenome Rodrigues
E seu nome é Luiz

E esses dois aí juntos
Viveram histórias reais
Depois que ele veio pro Rio
Vindo de Minas Gerais
Eles tiveram cinco filhos
Vou te contar, anota aí
Começou com a Juraci
Teve a Gessi
E o Jaci

A Neuza veio a seguir
E o Ailton, o caçulinha
(um anjinho, Deus o tenha)
Morreu ainda criancinha

Quem a minha mãe deu a luz
É fez com que eu estivesse aqui
Foi a mais velha, a primogênita
A dona Juraci

Para minha mamãe existir
No meu avô ela deu o bote
O nome dele era Arnaldo
E o apelido era Dote
A Fabiana e a Renata
Não fruto desse relacionamento
Mas em certa parte da história
Rolaram uns arrependimentos

Porque é o Geseilton
Cabra bom, que me tem como filho

Também tem a Josenilda, Josiane e Janaína
Mas aqui faço uma pausa
Porque a história quase termina

Depois desse tempo juntos
O romance desandou
Vovô foi para a Bahia
E na Paraíba vovó ficou

Antônio foi para o irmão
E Edileuda, oh *sofreção*
Tanto filho para criar
Quase não dava para contar na mão

Minha biza já estava no Rio
E minha avó ela socorreu
A família, então, veio para cá
Com a ajuda de um tio meu

O meu tio Edmilson
Sempre foi homem de compromisso
Colocou todo mundo num ônibus
E a viagem foi só rebuliço

Quando a história da mudança
Chegou aos ouvidos de vovô
Ele se mudou para o Rio
Para rever o velho amor

A família se refez
E ficaram juntos de vez
Com a volta do romance

O amor acabou aí e não teve casamento
E o meu outro tio Marco
É fruto de outros quinhentos

A Fabiana é minha mãe
Meu amor, minha rainha
Já a Renata é minha tia
E também minha madrinha

E para chegar nesse escritor
Falta falar de um amor
Papai conheceu mamãe
Namorou e logo casou

Antes mesmo do casório
Fabiana engravidou
Deve ter sido um desespero
Mas essa parte ninguém contou

E com a chegada do Matheus
Esse Cordel se acabou

E do consequente aconchego
Ainda tiveram mais dois filhos:
O Janilson e o Diego

O nome de todos os primos
Não há caneta que anote
Se aqui eu fosse listar
Faria inveja a um livro de GoT
Para frear essa história
E não ter que voltar de ré
Encerro aqui registrando
Que moramos todos na Maré

Da parte de minha mãe
Também há muito o que contar
E é dessa parte da família
Que agora eu vou falar

A minha tataravó
Veio pro Rio ainda menina
Ela nasceu em São Paulo
E seu nome é Marcelina

Para continuar a rima
Ela teve duas menina
A primeira foi a Jurema
E a segunda a Jorgina

Jorgina não conheci
A Jurema muito amei
Ela era minha biza
Mãe de minha vó, meu rei

Mas essa filha aí
Ela não fez sozinha
Fez foi com meu bisavô

Acervo pessoal.

Além de ampliar o escopo do trabalho envolvendo outras disciplinas, como artes e história, em uma abordagem transdisciplinar, pelo fato da proposta tocar em questões familiares que, sempre são de difícil tratamento, também se mostrou necessário integrar outras áreas educacionais ao processo, como o acompanhamento pedagógico e psicológico. Mesmo possuindo sensibilidade e acolhimento, o/a professor/a não está preparado/a para lidar com algumas questões familiares e psicológicas que constituem o/a estudante e afetam e interferem no seu rendimento escolar. A abordagem combinada entre os núcleos de ensino, pedagógico e psicopedagógico, pode contribuir para um melhor acompanhamento do/a estudante, podendo gerar um trabalho mais adequado, tanto em termos acadêmicos quanto pessoais.

Assim, a partir dos primeiros resultados obtidos e na busca pelo aprimoramento da proposta, podemos concluir que a construção de um projeto pedagógico com o tema, envolvendo outras disciplinas e núcleos da escola se faz

necessário. Através de um projeto mais amplo, com maior duração e acompanhamento mais adequado, podemos desenvolver abordagens transdisciplinares, práticas pedagógicas menos enquadradas a formatos convencionais, possibilitando o desenvolvimento do estudante em diferentes áreas de sua formação e o maior envolvimento da família no processo educacional.

Referências bibliográficas

STRAFORINI, Rafael. O currículo de geografia do ensino fundamental: entre conhecer o que se diz e o vivenciar o que se pratica. In: TONINI, Ivaine Maria et al. *O ensino de geografia e suas composições curriculares*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2011.

VILELA, Carolina Lima. Finalidades didáticas e questões curriculares: um olhar para o processo de reformulação curricular da disciplina geografia no Colégio Pedro II. *Giramundo – Revista de Geografia do Colégio Pedro II*, v. 1, n. 1, p. 35-44, 2014.

Sobre a autora

Deborah da Costa Fontenelle: geógrafa (2008) e mestra (2014) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é doutoranda em História Social na mesma instituição e docente do Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

* * *

ABSTRACT

Tree of life activity: the geographic perspective in the basic education from family trajectories

Society cannot be detached from the space in which it lives and, therefore, the space only makes sense if associated with the society that has created it. As a geographer I was taught to see the world in this way and now, as a teacher, I effort for my students to do the same. However, this is not an easy task. Today's society, the result of the technical-scientific-informational environment, becomes increasingly individualized, and the school, inserted in this context, follows the same logic. In the educational process, students and teachers are so concerned with tests and grades that reflecting is often in the background. Therefore, this paper proposes to present and discuss an activity experience entitled Tree of Life whose objective is to awaken the students' geographical perspective from aspects observed in their own lives. Through the construction of their family tree and the description of family trajectories, students are invited to do research on their own stories, using the tools of geographic analysis as support.

KEYWORDS: geographic perspective; family tree; family trajectories; geography teaching; basic education.

RESUMEN

Actividad del árbol de la vida: la mirada geográfica en la educación básica desde trayectorias familiares

La sociedad no puede separarse del espacio en el que vive y, en consecuencia, el espacio solo tiene sentido si está asociada con la sociedad que lo creó. Como geógrafa me enseñaron a ver el mundo de esta manera y ahora, como maestra, me esfuerzo por que mis alumnos hagan lo mismo. Sin embargo, esta no es una tarea fácil. La sociedad actual, resultado del entorno técnico-científico-informativo, se individualiza cada vez más, y la escuela, insertada en este contexto, sigue la misma lógica. En el proceso educativo, los estudiantes y los maestros están tan interesados en las pruebas y las calificaciones que la reflexión a menudo está en el fondo. En este sentido, el presente trabajo tiene la intención de presentar y discutir una experiencia de actividad titulada Árbol de la vida cuyo objetivo es despertar la mirada geográfica de los estudiantes de los aspectos observados en sus propias vidas. Mediante la construcción de su árbol genealógico y la descripción de las trayectorias familiares, se invita a los estudiantes a realizar investigaciones sobre sus propias historias, utilizando las herramientas de análisis geográfico como apoyo.

PALABRAS CLAVE: mirada geográfica; árbol genealógico; trayectorias familiares; enseñanza de geografía; educación básica.